

RESENHA:

A contribuição de Vygotsky para o ensino/aprendizagem de línguas

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas. São Paulo: Parábola, 2019. 128 p.

Joelinton Fernando de Freitas¹
Leandra Ines Seganfredo Santos²

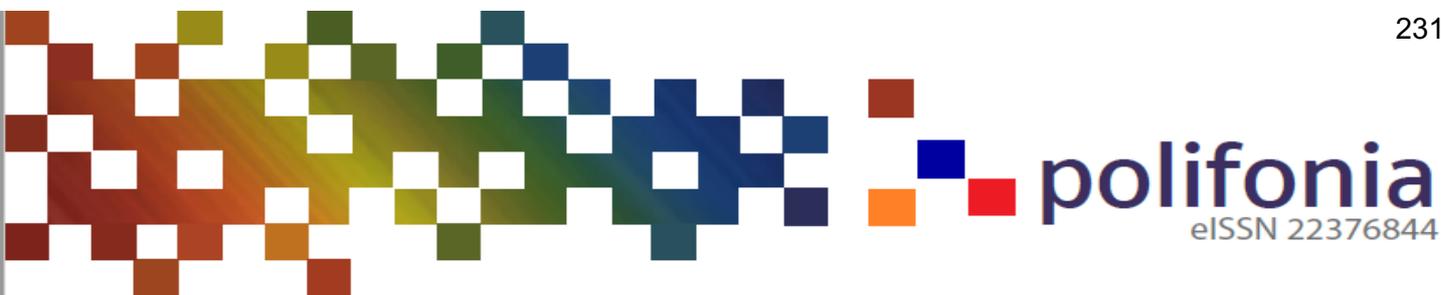
Quantos de nós, professores de línguas, paramos para refletir sobre a aprendizagem tanto de língua materna quanto de língua estrangeira ou adicional levando em conta o aspecto da interação? É fato que em uma sala de aula de línguas no Brasil os docentes se deparam com diversos tipos de realidade e precisam adequar-se a essas nuances buscando diferentes formas de promover a interação e, conseqüentemente, o sucesso na aprendizagem da língua. Dessa forma, o processo de interação é um aspecto fundamental da aprendizagem.

Para ajudar professores e pesquisadores a compreender mais sobre o assunto, o livro Vygotsky: a interação no ensino/aprendizagem de línguas traz ricas contribuições sobre como ocorre o processo de interação no ensino e na aprendizagem de línguas ancorado na teoria sociocultural de Vygotsky e esclarecida pelo pesquisador brasileiro Francisco José Quaresma de Figueiredo. O autor, considerado um especialista nas teorias Vygotskyanas, constrói uma obra revisada e atualizada, que se destina a todos aqueles que estão relacionados ao ensino de línguas e acreditam na interação e na colaboração como processos que desenvolvem a autonomia do aprendiz.

Antes de iniciar as ponderações sobre a obra, é interessante abordarmos brevemente a trajetória de pesquisa do autor. Francisco é doutor e pós-doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde desde 1992 leciona língua inglesa na graduação e

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT *campus* Sinop. E-mail: joelintonfreitas@gmail.com

² Doutora em Estudos Linguísticos (UNESP/Rio Preto), pós-doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC/SP). Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop. Professora do PROFLETRAS e Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística (GEPLIAS). Sinop/Mato Grosso. E-mail: leandraines@unemat.br

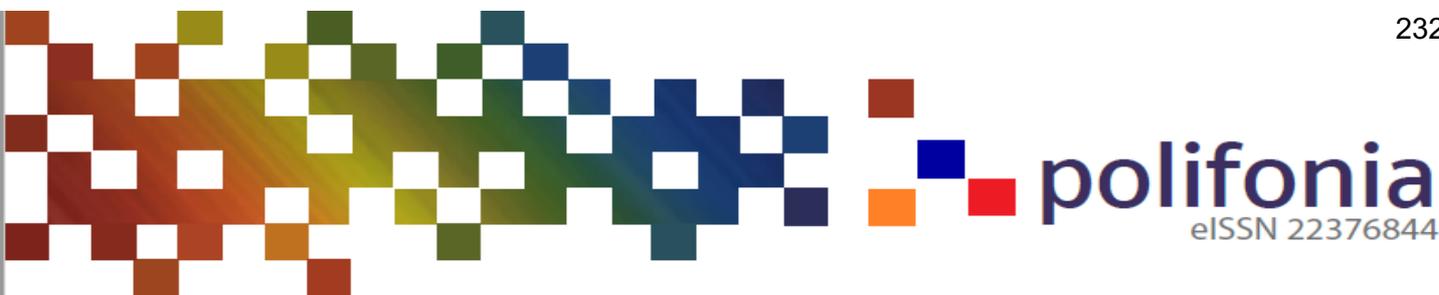


Linguística Aplicada na pós-graduação. Tem vasta produção de livros e artigos em periódicos nacionais e internacionais, sendo reconhecido pela sua competência. Por conseguinte, a professora pesquisadora Laura Miccoli que faz o prefácio do livro, afirma “[...] se há alguém que possa escrever com propriedade e conhecimento sobre Vygotsky, esse alguém é Francisco José Quaresma de Figueiredo”.

No que concerne à organização, a obra está dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Vygotsky e a sua teoria*, o autor traz informações sobre a vida de Vygotsky, dizendo por quais instituições ele passou e quais foram os assuntos estudados por ele. Há a ênfase em dizer que no início do século XX, quando começou seus estudos em Psicologia, Vygotsky se baseava, principalmente, nas teorias behaviorista e da Gestalt. Porém, essas teorias não o satisfizeram, pois não conseguiam explicar comportamentos complexos do ser humano, tais como a percepção e a resolução de problemas. Evidencia-se, a partir da leitura, que a produção intelectual de Vygotsky consiste em uma vasta produção sobre o desenvolvimento cognitivo dos seres humanos.

No mesmo capítulo, há a explanação do conceito de teoria sociocultural segundo o olhar de Vygotsky. Para ele, o que distingue os animais dos seres humanos é a cultura, e ela por sua vez, é definida como “um produto ao mesmo tempo social e da atividade social do homem” (VYGOTSKY, 1997 *apud* FIGUEIREDO, 2019, p. 16). Este termo ganha adeptos no mundo todo a partir da década de 1970, pois passou a ser um marco na relação entre o papel da interação e da mediação na construção social da aprendizagem em contextos educacionais. Figueiredo também deixa clara a diferença entre as teorias de Piaget e de Vygotsky, pois apesar dos dois teóricos terem várias coisas em comum, a teoria de Piaget estava relacionada a aspectos biológicos do ser humano, já Vygotsky deu ênfase à interação social, à contribuição da cultura e ao construtivismo social. E, quando pensamos na aprendizagem de línguas, Vygotsky mostra que somente fatores biológicos não garantem a aquisição de língua e o desenvolvimento cognitivo por parte da criança.

É necessário uma interação, convivência dos adultos com a criança. Vygotsky entende que a língua deixa então de ser um instrumento de comunicação e transforma-se em instrumento de organização psicológica. No mesmo capítulo, o autor mostra as bases da teoria da atividade humana, que nada mais é do que o engajamento do indivíduo para atingir um determinado objetivo.



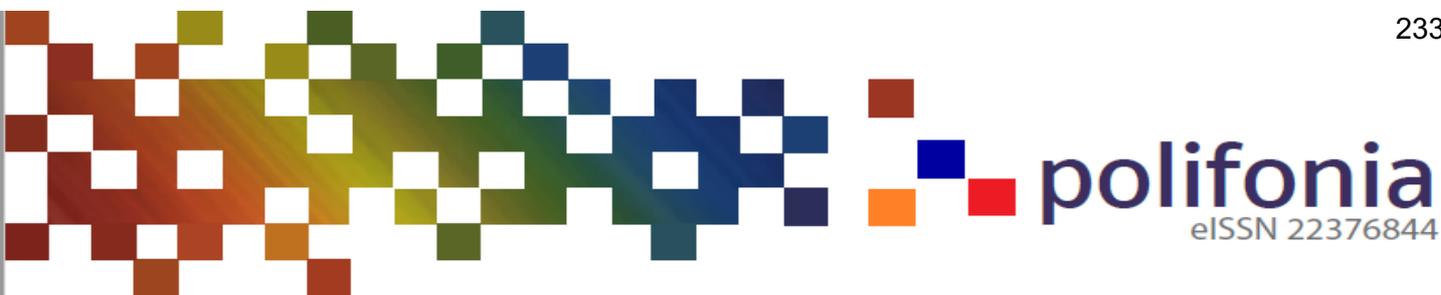
Baseando-se nos estudos de Vygotsky, no capítulo dois, *As falas egocêntrica, interior e privada*, Figueiredo nos traz as diferentes definições de cada um destes termos e suas relações com a aprendizagem de línguas. Para Vygotsky (1993), a fala egocêntrica consiste no momento em que a criança conversa consigo mesma, e para ele, esse momento representa a transição das funções intermentais para as funções intramentais, ou seja, o momento de transição da atividade social da criança para suas funções mentais individuais. É como se fosse algo semelhante a um monólogo de uma peça de teatro. Já a fala interior ou privada também consiste no ato de falar consigo mesma, porém, a principal diferença entre esta fala e a egocêntrica está no fato de que a criança verbaliza esse pensamento. “Ao falar consigo mesma, a criança provê a si própria o auxílio cognitivo por meio de enunciados linguísticos”. (FIGUEIREDO, 2019, p. 25).

O autor evidencia, a partir destas afirmações que “em contextos de aprendizagem de L2/LE, a fala privada tem o importante papel de auxiliar o aprendiz na interiorização de formas linguísticas por meio da repetição”. (FIGUEIREDO, 2019, p. 29). Portanto, a fala privada pode ser o mecanismo pelo qual o aprendiz internaliza aquilo que aprende, além de poder conversar consigo mesmo, tentar avaliar a sua aprendizagem na língua e buscar a solução para a realização de tarefas

No terceiro capítulo *A mediação e a ZDP*, Figueiredo nos traz detalhadamente as ideias de Vygotsky sobre este termo. Primeiramente, ZDP significa Zona de Desenvolvimento Proximal e está intrinsecamente ligada ao conceito de *scaffolding* cunhado por Wood, Brunner e Ross em 1976. Traduzindo para o português, *scaffolding* significa andaime, e no processo de ensino-aprendizagem escolar, é utilizado como uma metáfora para descrever o apoio que o professor oferece ao estudante para que ele consiga completar uma tarefa que não seria possível de ser realizada completamente sozinho.

Segundo Vygotsky a ZDP define a distância que há entre aquilo que a criança já consegue fazer sozinho sem auxílio de um par mais competente (possivelmente um adulto), e aquilo que ela ainda não consegue e necessita de ajuda. Dessa forma, o autor firma os conceitos de desenvolvimento real e desenvolvimento potencial, a ZDP ocorre entre esses dois tipos de desenvolvimento, e é por meio da interação que acontece o aprendizado.

No quarto capítulo, intitulado *Teoria sociocultural e aprendizagem de L2/LE*, Figueiredo aponta algumas abordagens que se encaixam nas teorias Vygotskianas, que são: a abordagem baseada em tarefas, a aprendizagem colaborativa de línguas, o uso de jogos em sala



de aula, a avaliação dinâmica e a telecolaboração. A abordagem baseada em tarefas utiliza a estratégia para a resolução de problemas, partindo de problemas menores que podem auxiliar na resolução de um problema maior. Na aprendizagem colaborativa de línguas, os estudantes precisam interagir entre si, tanto em pares quanto em grupos para praticarem a língua e construir conhecimento coletivamente.

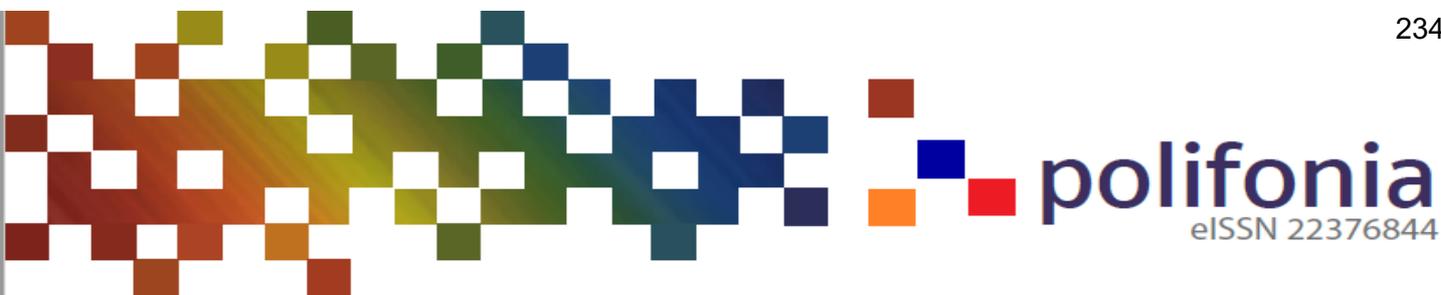
Já o uso de jogos em sala de aula traz a ludicidade para dentro do ambiente escolar proporcionando a aprendizagem da língua por meio do prazer de jogar, além, é claro, de proporcionar momentos de interação, concentração, desenvolvimento e autonomia. A avaliação dinâmica, por sua vez, busca compreender as diferenças individuais de cada estudante e “[...] procura compreender como a internalização ocorre quando se provê assistência ao aprendiz, durante uma atividade avaliativa”. (FIGUEIREDO, 2019, p. 81).

Para diferenciar a avaliação dinâmica da formativa é preciso compreender que nesta última os processos de interação com o aprendiz ocorrem, geralmente, antes ou depois da tarefa que será avaliada; na avaliação dinâmica todo esse processo ocorre enquanto o estudante realiza a atividade avaliativa. O último assunto do capítulo é a telecolaboração, descrita como um processo de interação pelo qual alunos de diferentes lugares do mundo podem se ajudar na aprendizagem de línguas diversas, além de aprender e interagir com diferentes culturas.

No capítulo final, *A teoria sociocultural na formação de professores*, o autor argumenta sobre como a teoria de Vygotsky, apesar de não ter sido elaborada com vistas à questão da formação de professores, pode ser utilizada também neste meio para explicar os processos de interação entre os próprios docentes. Figueiredo afirma que esta é “[...] uma perspectiva reconhecida como essencial para compreender como os professores pensam, aprendem e se comportam como agentes históricos, sociais e políticos nos contextos de ensino e aprendizagem”. (FIGUEIREDO, 2019, p. 95).

Neste capítulo o autor também discorre acerca das interações presenciais que podem ocorrer na formação de professores, como por exemplo, nos períodos de estágio de regência, em que o professor responsável atua como o par mais competente, auxiliando os acadêmicos durante os momentos de docência e fazendo com que reflitam sobre suas práticas pedagógicas.

Outro ponto trazido à baila é o das interações telecolaborativas, que se trata da interação entre professores, estudantes de mestrado ou doutorado, que utilizam o meio digital para se comunicarem com estudantes de outros países interessados não somente na aprendizagem de



línguas, mas também na formação profissional do professor. Nesse sentido, Figueiredo (2019) afirma que a colaboração e a interação no processo de formação de professores possuem grande valor, pois juntos, eles podem discutir, dialogar e trocar ideias, além de também aprender com seus pares e compartilhar as experiências bem-sucedidas.

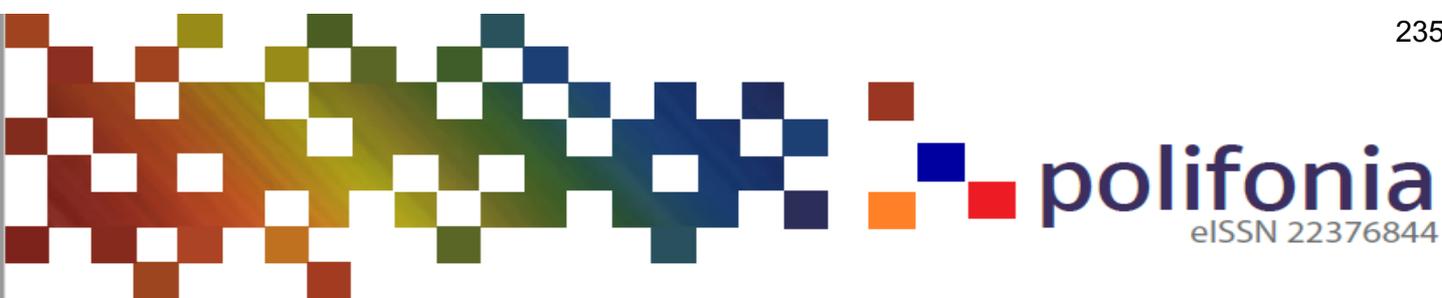
Dessa forma, Araújo e Figueiredo afirmam que:

Ao interagir durante a realização de tarefas em sala de aula, os aprendizes têm mais oportunidades de troca de ideias, informações e conceitos, e também de estilos de aprendizagem. Os aprendizes podem, ainda, oferecer aos seus pares aquilo que já sabem e, também, receber dos seus colegas aquilo que eles têm a lhes oferecer. (ARAÚJO e FIGUEIREDO, 2018, p. 04).

O autor finaliza o livro enfatizando a importância do legado deixado por Vygotsky e que sua teoria sociocultural se aplica perfeitamente na sala de aula de línguas, pois ele acredita que a aprendizagem ocorre por meio da colaboração e da interação. Fica claro, a partir disso, que o professor não é o responsável pela aprendizagem, mas sim alguém a favorecê-la; o aluno, por sua vez, não é mais um ser passivo na aprendizagem, mas sim ativo e participativo de todo esse processo. Para além disso, Figueiredo (2019, p. 110) ainda enfatiza que a teoria de Vygotsky “está em qualquer interação colaborativa que objetiva proporcionar crescimento humano, psicológico e intelectual”.

A obra de Francisco José Quaresma de Figueiredo com certeza contribui como insumo teórico para pesquisas em Linguística Aplicada e ensino e aprendizagem de línguas (línguas estrangeiras, língua de sinais etc.). Com uma escrita clara e com exemplos concretos, o autor conseguiu fazer com que a linguagem da obra fosse compreendida facilmente pelos leitores. O aporte teórico utilizado é adequado e as análises a partir de exemplos da sala de aula corroboram para reflexões profundas das teorias Vygotskianas aplicadas na prática.

A obra se torna imprescindível para estudantes de Letras e para docentes que atuam no ensino de línguas, sobretudo com crianças, pois é deste lugar que lemos e avaliamos a obra. A interação na tenra aprendizagem de línguas adicionais é caminho importante de reflexão e análise crítica do professor. Em suma, o livro se mostra como um material orientativo riquíssimo que pode guiar o professor em sua prática.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marco André Franco de; Figueiredo, Francisco José Quaresma de. **Interação e colaboração no processo de escrita e reescrita de textos em língua inglesa**. Revista Desempenho, v. 2, n. 29, 5 dez. 2018. Disponível em: <http://twixar.me/PJDT> Acesso em 05 de nov. 2019.